



A arte contemporânea como conteúdo e fundamento para a prática do ensino de artes

Marina P. de Menezes

O presente artigo discute a inclusão da arte contemporânea como conteúdo e fundamento da prática do ensino de artes. A autora defende a idéia de que tais manifestações sejam não apenas incluídas como conteúdos, mas também tomadas como apoio conceitual e filosófico para o ensino de artes. Com essa proposta, defende uma prática escolar em artes que valorize a experiência, a abertura, a complexidade e o aprofundamento no processo produtivo e cognitivo dos alunos. Ensino de artes, arte contemporânea, cultura contemporânea.

Laura Lima. *Capuzes (homem = carne / mulher = carne)*. Instalação: atores, adereço de tecido, roteiro.

O momento contemporâneo, por vezes qualificado de pós-moderno, vem trazendo uma série de modificações para a vida humana. Este momento, que engloba inovações tecnológicas, diferentes fluxos de informação e uma nova abordagem do conhecimento em geral, provoca, ainda, novas problemáticas, que desestabilizam antigas certezas. Se, de fato, os aspectos culturais já vêm mobilizando diversos educadores, especialmente na perspectiva da crítica à marginalização social e da crítica à cultura de mídia e consumo, de que maneira, especificamente em relação ao ensino de artes, a arte contemporânea tem estado presente em suas práticas? E quais são os desafios impostos pela arte contemporânea para esse ensino?

De maneira geral, o ensino de artes tal qual se configura nas escolas ainda parece valer-se de qualidades que não mais são características da atual produção artística – e ao apresentá-las deixa de associar tais valores a seus contextos, tratando-os como valores atemporais e, até mesmo, universais. A postura, o pensamento que envolve a arte contemporânea (entre elas a abertura e multiplicidade de experimentações e possibilidades) pouco se assemelha às diferentes propostas técnicas e de repetição de modelos das aulas de artes.

Uma mudança se faz necessária; entretanto, de que maneira realizá-la? A arte contemporânea, se incluída na prática escolar dentro da mesma formatação técnica e na produção não significativa ou não reflexiva das aulas de artes, promoveria apenas uma mudança superficial, sem alterar o aspecto principal, que é o processo desenvolvido nas aulas. Para uma mudança efetiva é preciso agir sobre as estruturas, os princípios ou fundamentos que regem tais práticas.

Entretanto, ter arte contemporânea como fundamento é uma idéia que por si só já soa paradoxal. Como ter como princípio uma arte que não possui princípios? Como buscar um

conjunto de elementos determinantes em uma produção que não permite a definição de modos, meios ou maneiras? É justamente por essa indefinição de normas, pela mutabilidade e pela abertura que ela assume o caráter de princípio ou estratégia¹ para reger um pensamento.

1 E assim, como estratégia, aproxima-se da noção de método proposta por Edgar Morin (2005).

Fundamentos são aqui tratados como pontos conceituais que permeiam as concepções, ações, propostas e práticas do ensino de artes, como um pensamento aliado à prática, articulando-a, justificando-a e construindo-a simultaneamente – princípios que nada têm de imutabilidade ou base de certeza, visto que são regidos pela mutabilidade e incerteza dos processos artísticos contemporâneos. Trata-se, portanto, mais de uma atitude ou postura relativa ao conhecimento, à arte, à educação e à cultura contemporânea, buscando o reconhecimento da complexidade de tais processos.

O paradigma de complexidade não “produz” nem “determina” a inteligibilidade. Pode somente incitar a estratégia/inteligência do sujeito pesquisador a considerar a complexidade da questão estudada. Incita a distinguir e fazer comunicar em vez de isolar e de separar, a reconhecer os traços singulares, originais, históricos do fenômeno em vez de ligá-los pura e simplesmente a determinações ou leis gerais, a conceber a unidade/multiplicidade de toda entidade em vez de a heterogeneizar em categorias separadas ou de a homogeneizar em indistinta totalidade. Incita a dar conta dos caracteres multidimensionais de toda realidade estudada (Morin, 2005: 334).

Tomar a arte contemporânea como situação conceitual que oriente, questione e esteja integrada à prática do ensino de artes implica mudanças de referências, desintegração de alguns valores e questionamento de conceitos, metodologias e propostas. A prática regida pelos conceitos dessa arte buscaria assimilar as mesmas características e abordagens perante a arte e o fazer artístico nas escolas.

As possíveis transformações, entretanto, não parecem indicar a estabilização de novos valores e crenças únicos, mas justamente a proliferação de manifestações, reflexões e possibilidades. Engloba-se nessa pesquisa a busca de um pensamento complexo² para o ensino de artes, que possa também resultar em práticas complexas.

2 O termo indica um pensamento que se distancia de simplificações que visam ao fácil consumo e integra a multidimensionalidade e a incerteza (Morin, 2005: 334).

Como princípio para uma prática, a arte contemporânea parece propor uma intensa pesquisa, múltipla em suas possibilidades, ampla em sua caracterização e ambígua em suas significações. Constitui-se em fundamentação que determine e justifique a escolha de posturas, posicionamentos e procedimentos, mas que não se feche na determinação de postulados e paradigmas, e sim explore as novas possibilidades da desreferencialização, incerteza e insegurança contemporânea.³

3 Esse posicionamento dialoga com a crise de conceitos fechados e claros, “com a grande idéia cartesiana de que a clareza e a indistinção das idéias são um sinal de verdade” (Morin, 2005: 183).

Desde meados do século XX, as manifestações artísticas vêm desbancando valores e crenças e abrindo espaço para novas possibilidades e experimentações. Um abismo, entretanto, parece vir se formando entre tais processos e o público que a eles responde.

Se a existência da arte e de um público de arte (que detém conhecimentos específicos sobre ela) parece sempre ter existido, a arte contemporânea parece falar a um público ainda mais restrito. Visitar uma exposição de arte contemporânea é abrir-se para o inesperado, o estranho e o incomum. É explorar o não-entendimento, a indagação (que muitas vezes vem acompanhada de uma certa indignação) diante de trabalhos que fogem do imaginado, do esperado, do que é concebido e valorizado como arte. Cria-se uma distância entre a expectativa e o conhecimento do espectador e entre a realidade da arte e a maneira como esta se apresenta e se constrói.

O não-entendimento, o estranhamento e o conseqüente distanciamento entre a arte contemporânea e o público já eram discutidos e percebidos desde que, ainda nas décadas de 1960 e 1970, críticos, teóricos e artistas exploravam novos terrenos para a arte, nos quais as antigas nomenclaturas, significados e valores não pareciam mais fazer sentido. Em uma coletânea de textos organizada por Gregory Battcock, podemos ter contato com impressões, escritas nessas décadas, que demonstram o estranhamento causado pela produção artística contemporânea, que então vinha derrubando crenças e explorando novos meios e formas para a arte.

Das impressões da “nova arte” apresentadas, o caráter não dogmático e de quebra em relação a valores de uma tradição na arte parece ser um dos aspectos mais acentuados. Apesar de valores e tradições não serem instâncias imóveis e imutáveis, tendo sofrido transformações ao longo de toda a história da arte, o que vemos na arte contemporânea é um projeto de abertura e participação do espectador (como discute Umberto Eco em *Obra aberta*), que impossibilita a definição de um grupo de procedimentos que defina um “estilo”.

Se antes parecia ser possível definir um grupo de critérios que pudessem ser utilizados na apreciação de uma obra e na relação com ela (e que permitissem sua validação), tal atitude parece não ser mais válida. Na arte contemporânea, não há mais lugar seguro, no qual seja possível relacionar-se com uma obra; ela exige outra atenção, um novo modo de apreciar. Com a profusão de experimentações, somos convidados a rever conceitos constantemente, posicionando-nos no incerto e no indefinido.

Trabalhando dentro de novas relações, que não mais se articulam à estética formalista ou a qualquer domínio específico pelo qual seja possível definir uma norma de validação, a arte contemporânea é vista no território da estranheza – estranha ao público, que qualifica como estranhas as suas manifestações.

Na análise do diálogo feito entre a arte da atualidade e a que é atualmente apresentada nas escolas, percebemos um descompasso: no ensino de artes, de maneira geral, vemos a constante apresentação de imagens de obras dos mais diversos momentos históricos, mas dificilmente da contemporaneidade. Sobre a relação entre a produção artística de um determinado momento e o ensino de artes, Brent Wilson destaca:

embora a arte-educação seja apenas uma pequena parte do mundo da arte – e aos olhos de muitos uma parte insignificante – ela é, apesar disso, formada e modelada pelo mundo da arte e reflete as suas crenças. A arte-educação tem muitos valores em comum com o mundo da arte, os professores de arte reproduzem as mesmas concepções de realidade que são encontradas também no mundo da arte (2005: 82).

Apesar de o posicionamento de Wilson apontar para uma união entre a produção e as práticas educacionais em arte, as questões relativas à arte e a sua história que são apresentadas em sala de aula dificilmente abordam os tempos artísticos contemporâneos. Como principal consequência, a arte torna-se, em sala de aula, uma produção do passado, na qual tudo é muito distante dos dias de hoje, da vida dos alunos. Para muitos, falar em arte é falar em pintura e escultura – ambos representando com fidelidade algo do “mundo real”. O fim da linha para a arte nas salas de aula parece ser a arte moderna (européia e brasileira).

Excluindo-se a arte contemporânea do currículo e dos conteúdos propostos aos alunos, acaba-se por eliminar as diversas relações que eles poderiam estabelecer entre a arte de hoje e suas vidas, as mudanças de suas propostas no decorrer da história e a cultura contemporânea. A ausência de questionamentos relacionados à produção artística atual ainda promove o distanciamento entre a prática e a concepção de arte apresentada no ambiente escolar e a prática que ocorre no ambiente artístico atual.

Se a arte apresentada nas escolas, com seus valores e estéticas imersos em tempos anteriores ao atual, é a visão de “o que é arte” mais propagada nas salas de aula, qual é a possibilidade de diálogo que esses alunos terão ante uma obra contemporânea? O contato com a arte promovido atualmente pelas escolas não fornece subsídios para incitar no aluno o questionamento diante da produção artística contemporânea. A visão de arte como algo do passado, feita por indivíduos distantes da vida atual, pode ser percebida nas concepções que, em geral, as pessoas têm e no que efetivamente conhecem sobre arte.

O contato com a arte contemporânea dentro do espaço das escolas permitiria uma visão da arte como processo ativo e dinâmico, que não se relaciona apenas com o passado distante, mas com o atual momento em que vivemos. Como Harold Rosenberg (2004: 237) destaca: “A nova arte é valiosa por induzir no espectador um novo estado de percepção e pelo que lhe revela sobre si mesmo, sobre o mundo físico ou simplesmente sobre o seu

modo de reagir às obras”. Tratando do estranho, do instável, da complexidade e do plural, as obras contemporâneas podem ampliar experiências visuais, reflexivas e relacionais, além de explorar formas de significação, compreensão e conhecimento distintos, permeando aspectos culturais, individuais e perceptivos.

No ensino de artes, partindo-se da estranheza ante a produção artística contemporânea, pode-se trabalhar a partir da história da arte, explorando, como apontou Rosenberg, as diversas modificações que constituíram e fundamentaram os diferentes estilos e momentos artísticos, e atuar a partir das inquietações que as obras de arte podem provocar nos alunos. O meio para se lidar com essa produção deve, assim, permeiar a história e as possíveis reflexões que a obra pode incitar dentro das mais diversas possibilidades de discurso. O sentimento de estranheza (ou, às vezes, de repúdio ou insegurança) perante uma obra pode ser o princípio para uma reflexão que amplie as possibilidades de entendimento e percepção.

Ao colocar a arte contemporânea como apoio conceitual para as aulas de arte, não se objetiva a exclusão de toda “forma tradicional” (como a pintura e a escultura) de arte em troca das manifestações contemporâneas (como *performances* e instalações). Propõem-se mudanças sobre os pressupostos que permeiam a prática de ensino de artes e que implicam novas posturas, buscas e propostas, mas que não excluem a prática e a reflexão sobre produções nas quais conteúdos mais tradicionais estejam presentes. De fato, a pluralidade que caracteriza a produção artística atual, muitas vezes, inclui essas formas, mas envolve múltiplos aspectos, podendo realizar-se em diferentes arranjos e articular valores distintos.

Assim, quando falamos em conteúdos para um ensino de artes que tenha como fundamento a arte contemporânea, reverberamos a crença em uma prática na qual, além de as temáticas e as obras contemporâneas serem incluídas e discutidas, haja uma postura mais profunda e ampla, integrada ao próprio pensamento que envolve os processos artísticos contemporâneos. Não se trata apenas de ampliar seu conhecimento sobre o campo da arte e suas diversas manifestações, que não se restringem mais às formas tradicionais, como a pintura e a escultura. É importante levar para as salas de aula uma arte viva, que dialogue com o momento que os alunos vivem, mesmo que possa parecer estranha à primeira vista. Abordar essa arte pode possibilitar um diálogo dos alunos com tal produção, que normalmente parece distante de suas vidas, e pode ser um convite para a investigação e pesquisa de novos conhecimentos e de novas relações. As aulas de artes, que, de maneira geral, são tão criticadas pelos alunos por seus conteúdos e práticas “sem sentido”, nas quais são realizadas apenas atividades divertidas, podem constituir-se como laboratórios reflexivos e investigativos para uma busca não só restrita aos conhecimentos da arte, mas capaz de promover mudanças na postura dos alunos perante a arte e a vida.

Portanto, como conteúdo presente nas aulas de artes, fica claro que trabalhar com a arte contemporânea não se restringe à apresentação de obras contemporâneas, mas implica

uma nova abordagem da obra de arte e da história da arte, uma abordagem que não é apenas formalista, que pode ir além da decodificação do que vemos e das leituras prontas, e que não se estrutura numa ordem de progresso. Razão e sensibilidade são discutidas numa abordagem que não se restringe ao discurso dicotômico do “ou... ou”, mas que pode abarcar diversas visões e interpretações num inclusivo “e... e”.

A assimilação de conteúdos prontos, de conceitos prontos sobre as obras e estilos, não dá conta das diversas possibilidades significativas da arte. Como obras abertas, os discursos suscitados pelas obras não estão fechados ou restritos aos livros de arte, que não são a palavra final ou a verdade absoluta. O professor, em exercício conjunto com sua prática e seu contexto, e seus alunos (que também possuem práticas e contextos) podem recriar, buscar novos caminhos, ângulos e pontos de vista para olhar uma obra e, assim, produzir novos significados.

A prática, se trabalhada com as mesmas questões, pode ser um exercício não de mera repetição de uma técnica proposta; ela pode trabalhar no nível da experiência, da investigação, da descoberta, sem deixar de lado a aquisição de conhecimento sobre a arte e sua história – conhecimentos que não se restringem à emoção ou ao sentimento, mas abrangem ainda o pensamento e a vontade (Efland, 2005: 186). Não se exclui a necessidade de se trabalhar, conjuntamente, aspectos teóricos relativos à arte, incluindo a análise de obras de arte, leitura de textos, produção de textos e reflexões sobre a cultura, que insere todas as manifestações culturais.

Se há o desejo de que a arte seja explorada pelos alunos por meio da pesquisa, da reflexão, da investigação e do questionamento, a mesma postura deve estar presente entre os professores e responsáveis pelo processo educativo em artes. O trabalho do aluno deve ser também foco de discussão, assim como as obras apresentadas nas salas de aula.

Contrariamente à postura do professor que em nada interfere na produção artística do aluno, acreditando que dessa forma o aluno poderá desenvolver um trabalho que seja pessoal e que exprima uma poética singular, a proposta em questão não exige o docente de fazer interferências. O professor pode atuar tanto na concepção, durante a produção e ao fim desta, indicando, propondo e incitando reflexões, questionamentos, investigações e pesquisas, percebendo aspectos, destacando-os, contrapondo-os e comparando e expressando seu ponto de vista (não como verdade absoluta, mas como possibilidade de interpretação).

Como destaca Maria Luiza Saddi, mais do que esperar que os alunos “cumpram” suas propostas, o professor deve esperar que os alunos sejam capazes de elaborar, experimentar e desenvolver projetos artísticos, “contribuindo como um interlocutor para que as intenções dos alunos se tornem mais claras e os recursos utilizados mais eficazes” (1985).

Exigindo posicionamento do público que não seja mais apenas contemplativo, a arte contemporânea demanda uma nova postura, na qual a investigação, a busca de relações e o questionamento são fundamentais. Se, em sala de aula, a arte (em especial a contemporânea) e a própria produção dos alunos fossem tratadas com a mesma atitude, poder-se-ia fazer com que a arte deixasse de ser para os alunos um conhecimento distante de suas vidas e de difícil entendimento. O estímulo à postura que busca aprofundamento na prática e na reflexão dos alunos pode promover posturas mais engajadas e questionadoras perante a arte contemporânea e em relação a toda produção artística em geral.

A investigação, o questionamento, a percepção e a reflexão podem ser caminhos para se desenvolver conhecimentos mais aprofundados sobre obras de qualquer período ou cultura, pois, não partindo de elementos fixos para sua análise, buscam nas obras ou num conjunto delas os caminhos para produção de conhecimento. A arte contemporânea ao não mais se restringir a um grupo estilístico específico – e, portanto, sem dominar uma determinada gramática para sua produção e compreensão –, mas disseminando uma pluralidade de meios, modos e formas, fez com que sua análise se voltasse diretamente para a obra e para o artista e sua produção. Se antes um movimento artístico ou um estilo poderia ser definido para a análise de determinadas obras (mesmo respeitando-se as especificidades de cada artista e as singularidades de cada obra), na contemporaneidade artística a rede de relações, presentes no próprio trabalho, parece ser o caminho mais frutífero para seu entendimento e análise. Esta análise, que parte de uma discussão direta sobre a obra e uma investigação das relações e elementos que esta articula, pode ser o princípio para se discutir qualquer trabalho artístico e para respeitar suas características próprias, mesmo se integrado a um movimento.

De certa maneira, se obras contemporâneas ainda estão muito distantes da vida dos alunos; em relação aos professores de artes, encontra-se a mesma distância. Distância que não afeta apenas o conhecimento dessa produção artística, mas também o de suas posturas e possibilidades significativas, aqui apresentadas e destacadas em suas diversas potencialidades de mudança para o ensino de artes.

Em meio aos professores, o não-entendimento, a negação de sua validade e o desconhecimento são algumas das justificativas para a ausência das produções da atualidade nas aulas. Por não se relacionarem com as questões da arte contemporânea, esses profissionais acabam excluindo-a de seus planos de aula e de uma discussão sobre suas possibilidades e propostas.

Entretanto, se são assumidas como conteúdos para o ensino de artes a arte, sua história e suas especificidades, a arte contemporânea deve ser trabalhada assim como outros períodos. São as questões dessa arte que vêm movimentando os artistas e configurando o meio artístico contemporâneo, de maneira que não há como simplesmente deixá-las de lado e anular sua existência. Essa é a arte que está em museus e galerias, pelas ruas

e (de certa maneira) na mídia; em vez de renegá-la, é preciso discuti-la, analisá-la em seus aspectos.

O conhecimento propiciado em arte pelas escolas, não articulando problemáticas e temáticas contemporâneas, desarticula essa produção da vida, pois veta sua existência como processo dinâmico que perpassa a história e a contemporaneidade. Sendo a escola um espaço de grande importância para a formação dos sujeitos sociais e culturais, a inclusão da arte contemporânea colaboraria ainda mais para aproximação das pessoas perante a produção artística atual e para todas as possibilidades que ela pode trazer consigo.

Abordar a arte contemporânea não é proposta fácil, como já indica Ana Cristina Almeida (1992); implica a constante revisão de normas tidas como verdades e a dissolução de propostas, abordagens e saberes considerados absolutos. Provoca a busca de novas experimentações, que podem até ocasionar erro, mas, mesmo assim, levar a descobertas. De fato, o erro, assim como o acaso, é parte do processo criador. Conforme Cecília Salles destaca, eles podem ser “desencadeadores do mecanismo de raciocínio responsável pela introdução de idéias novas” (Salles, 2006: 133). A autora aponta:

Erros e acidentes de toda espécie provocam, portanto, uma espécie de pausa no fluxo da continuidade, um olhar retroativo e avaliações, que geram uma rede de possibilidades de desenvolvimento da obra, que levam, por sua vez, ao estabelecimento de critérios e conseqüentes seleções. Acaso e erro mostram seu dinamismo criador em meio à continuidade (Salles, 2006: 133).

O erro, visto normalmente como uma falha dentro do processo de desenvolvimento do aluno, pode ser um elemento gerador de novas experiências, caminhos e possibilidades, um elemento construtor. Dentro de uma prática que valorize a experiência, a investigação e a descoberta, não é possível negar a existência do erro. O erro é parte integrante de qualquer processo que seja investigativo e explorador.

Levando ao território do não explorado, do incerto e do estranho, pode-se promover diferentes experiências e, assim, novos conhecimentos, que não necessariamente estarão certos ou serão prazerosos e divertidos. Cabe repensar aspectos conceituais sobre o ensino de artes e, conforme aqui se acentua, sobre os fundamentos desse ensino. Na prática desses professores, isso aponta para uma superação de estratégias produtivas calcadas na técnica ou na livre expressão e na prática restrita a uma produção fragmentada e superficial. Implica uma mudança de objetivos e olhares sobre o ensino de artes, que pode, por exemplo, deixar de lado o desejo de educar para saber olhar as obras e, assim, decifrar signos e percepções ou adquirir “técnicas artísticas”; pode-se educar para investigar, refletir, buscar aprofundamento e questionamento.



Grupo Camelo. *Q.T.C.* Instalação de vídeo/som, videocassete, monitor em cores de 14 polegadas, projeção em VHS, em cores, sem som. Aprox. 3', impressão sobre papel-jornal, 56 x 63,5cm (detalhe e vista da instalação), 2001.



Mais do que falar simplesmente de características da arte contemporânea, apresenta-se aqui uma atenção aos processos dessa produção, buscando que, assim como os artistas, os alunos possam se envolver em uma produção que articula complexos níveis de relação e diversas possibilidades de consecução. Há a intenção de se promover a pluralidade e a descoberta, que, nas palavras de Saddi (1999), apontam para um ensino em constante devir ou mutabilidade, possibilitada por abertura, investigações e projetos pessoais.

A complexidade pode ser tida como uma palavra-chave para definir o momento e a arte contemporâneos. A sociedade vive hoje um desenvolvimento tecnológico intenso, que transformou as relações sociais. Em tempos contemporâneos, as identidades sociais transformam-se, assim como valores, crenças e significações. O ambiente escolar não foge das mudanças que perpassam toda a cultura da atualidade.

Nas escolas, é comum para os professores discutir a rapidez em que as mudanças vêm ocorrendo e as diferentes posturas que os alunos vêm tomando no passar do tempo. É difícil afirmar se tais mudanças são positivas ou negativas, mas o foco dos professores não deveria estar em valorizar ou depreciar tais mudanças, mas principalmente em reconhecer-las e buscar sempre investigá-las e discuti-las, sem definir e reproduzir verdades absolutas.

A arte contemporânea parece também ser um território de estranhamento, mas é a arte que dialoga com o tempo que esses alunos estão vivendo. Embora a produção artística contemporânea se relacione com diversos elementos, que vão além de seu discurso cultural, analisar a arte da atualidade vislumbra a possibilidade de também se refletir sobre a cultura na qual a arte está imersa.

Se o diálogo com a cultura dos dias de hoje já poderia ser definido como um elemento de defesa da inclusão da arte contemporânea no ensino de artes, há ainda uma possibilidade de contato com a arte que é produzida na atualidade, a construção de um conhecimento

a respeito dela e o conseqüente saber sobre a arte e sua história em geral. A arte contemporânea como produção que articula diversos meios, formas, experimentações, materiais e temas pode propiciar um olhar mais atento à pluralidade (seja artística ou cultural) e promover uma prática que estimule também a busca de experiências significativas, múltiplas em suas possibilidades de consecução.

A importância de se questionar os conteúdos que majoritariamente vêm sendo trabalhados no ensino de artes perpassa a busca pela promoção de uma prática mais significativa (e atenta a seu tempo), como também a busca do engajamento na arte e em sua produção. Estamos realmente falando de arte nas escolas? E se falamos em arte, de qual arte? Se a maior parte das pessoas tem como valores artísticos a arte representativa, na qual a habilidade é o valor, e a fidelidade ao real determina essa habilidade, não terá o ensino de artes um papel na consolidação de tais valores?

Questionamentos sobre a prática que é desenvolvida pelo professor ou por grupos devem ser sempre realizados pelo docente, durante toda a sua vida profissional. Os questionamentos sobre as produções, propostas e posturas em sala de aula são uma maneira de o professor manter-se atento às mudanças que ocorrem no passar do tempo e também de perceber as diferenças que alguns grupos possuem em relação aos outros. É preciso manter uma constante postura crítica, assim como abertura para a descoberta de diferentes olhares, interpretações e práticas.

No caso do ensino de artes, na procura de caminhos a seguir, a arte contemporânea pode ser um objeto de partida para se pensar uma prática mais significativa, que promova mais aprofundamento e reflexão sobre a arte e o processo de produção poético e cognitivo. Tendo em vista o que foi apresentado, finalizam-se as idéias aqui propostas com uma citação de Edgar Morin, objetivando, mais do que concluir o que foi proposto, incitar caminhos e desdobramentos para novas discussões:

(...) o objetivo do conhecimento não é descobrir o segredo do mundo ou a equação chave, mas dialogar com o mundo. Portanto, primeira mensagem: "Trabalhe com a incerteza". O trabalho com a incerteza perturba muitos espíritos, mas exalta outros; incita a pensar aventurosamente e a controlar o pensamento. Incita a crítica ao saber estabelecido, que se impõe como certo. Incita ao auto-exame e à tentativa de autocrítica (Morin,2005: 205).

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Ana Cristina Pereira de Almeida. *Propostas de Trabalho: experiências para a Arte*. Tese (Doutorado em Artes) ECA-USP. São Paulo, 1992.
- BATTCOCK, Gregory (orgs.). *A nova arte*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- EFLAND, Arthur. D. "Cultura, sociedade, arte e educação num mundo pós-moderno". In GINSBURG e BARBOSA (org.). *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- ROSENBERG, Harold. *Objeto ansioso*. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.
- SADDI, Maria Luiza Sabóia. "Arte contemporânea e o ensino contemporâneo em arte: a proposta do ensino produtor em arte". In: *Concinnitas: arte, cultura e pensamento n. 2*. Rio de Janeiro: UERJ, DEART, 1999.
- _____. *O surgimento de um novo desenho na produção gráfica de crianças e adolescentes*. Monografia (Curso de Especialização em Educação Artística), Rio de Janeiro: Bennett, 1985.
- SALLES, Cecilia Almeida. *Redes da criação – construção da obra de arte*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.
- WILSON, Brent. "Mudando conceitos da criação artística: 500 anos de arte-educação para crianças". In: BARBOSA, Ana Mae (org). *Arte/educação contemporânea*. São Paulo: Cortez, 2005.

Marina P. de Menezes é mestre em artes e graduada em Educação Artística com habilitação em História da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde atualmente atua como professora substituta, bem como no Centro Federal de Educação Tecnológica de Química de Nilópolis-RJ.